



NAVARRO BUSAID, Ana Milena. **Das auto-topografias da improvisação. Criações, lembranças, olhares.** Salvador da Bahia. Universidade Federal da Bahia; mestrandia do Programa de Pós Graduação em Artes Cênicas PPGAC-UFBA; Suzana Martins. Bolsista CAPES. Diretora, coreógrafa e dançarina.

RESUMO

A partir de pesquisas sobre a improvisação em dança como processo de cena artística, faço uma análise das conexões e ressonâncias desta com o conceito de *heterotopias*, de Michel Foucault, não para justificar seus procedimentos, mas para nutrir as vias que provocam seu fluxo próprio. Este trabalho pretende, assim, examinar as características, relações e instaurações que se dão em um ambiente de improvisação delineado pelos percursos de lembranças e olhares, vistos como conjuntos de imagens formadas a partir de um presente (embora estejam contagiados pelo passado ou estruturando-se para um futuro). Portanto, através de uma metodologia de experimentos cênicos abertos e individuais, faço um levantamento topográfico para observar como a improvisação cria um espaço presente onde intensificam-se as relações que instauram uma auto-topografia corporal que é atravessada por inúmeros lugares e estados imaginativos. Nesta perspectiva, o conceito de improvisação, tratado como heterotopia, refere-se à formação de espaços livres, os quais se tornam centrais na definição de uma topografia do corpo, pois revelam os trajetos que constroem uma linguagem própria, em seu status de processo criativo.

Palavras-chaves: Improvisação: Heterotopias: Michael Foucault: Auto-topografias.

RESUMEN

A partir de la investigación sobre el proceso de improvisación en la danza como escena artística, hago un análisis de las conexiones y resonancias de esta con el concepto de *heterotopias*, de Michel Foucault, no para justificar sus procedimientos, sino para nutrir las rutas que causan su flujo. En este trabajo se pretende examinar las características, relaciones e instauraciones que se producen en un ambiente de improvisación orientado por pautas de memorias y miradas, vistas éstas como un conjunto de imágenes formadas a partir del presente (a pesar de estar contagiadas por el pasado o estructurándose para un futuro). Por lo tanto, a través de una metodología de experimentos escénicos individuales, busco sugerir cómo la improvisación crea un espacio presente en donde se intensifican las relaciones que instauran una auto-topografía corporal, la cual es atravesada por numerosos lugares y estados imaginativos. En esta perspectiva, el concepto de la improvisación como heterotopia, forma espacios y lugares libres, los cuales se tornan fundamentales para la definición de la topografía del cuerpo, ya que revelan los caminos de un lenguaje propio, dentro de su estado de proceso creativo.

Palabras claves: Improvisación: Heteretopias: Michael Foucault: Auto-topografias.

O espaço é estudado e descrito neste artigo sob o contexto das artes cênicas, especificamente dentro dos processos de improvisação em dança, no que se refere à improvisação como forma de espetáculo, tanto com acordos prévios que geram uma semi-estrutura como às improvisações que se apresentam espontânea e livremente diante um público. Cabe ressaltar que, na improvisação a ordem não esta pré-determinada na forma como esse corpo se pode movimentar, senão que, interpela a uma construção feita no momento presente, enfatizando na ideia de criar outro tipo de disposições, mais abertas e arriscadas, tanto singulares como coletivas e/ou colaborativas. A ideia é ver como esse espaço dentro da improvisação se configura e que acontece quando é trabalhado como cena artística, além de fazer uma comparação entre improvisação e *heterotopia*.

Atualmente, a improvisação em dança aparece em ruas, shoppings, pontes, parques, museus, semáforos, entre outros, sendo o reflexo da necessidade de sacar a dança de seu lugar comum, sala de ensaio ou palco. Este ato não somente sugere aspectos estéticos, se refere a que o espaço é também matéria criativa e lugar cênico, pois aí, configuram-se intercâmbios diretos, espontâneos, construtivos, assim como convites entre quem trãsita e habita os espaços. Sendo então o espaço neste conjunto produto das relações que se estabelecem com o olhar.

O espaço é o que deixa o olhar, o que salta aos olhos: o obstáculo: os tijolos, um ângulo, um ponto de fuga: quando um ângulo, quando algo fica, quando há que virar-se para que comece de novo, esse é o espaço (PEREC, 1974, p.123 tradução nossa)

É preciso esclarecer que o autor citado acima acredita que o espaço não se pode conceber como totalidade e sim como fragmento. Revela-se então que o espaço divide-se e multiplica-se, gerando uma espécie de ordem e posições específicas. Isto, corresponde ao trabalho que Michel de Certeau desenvolveu na distinção da espacialidade: sendo o espaço uma noção de abstração na qual atua a experiência e o lugar uma convenção que implica uma ordem que dá estabilidade¹. No entanto, os espaços se transformam em lugares e vice versa. Mas, na visão de Perek o espaço é uma dúvida: necessito continuamente marcá-lo, designá-lo, nunca foi meu, nunca foi dado, eu tenho que conquistá-lo. (PEREC, 1974, p.139 tradução nossa)

¹ DE CERTEAU, Michel. A invenção do cotidiano, artes de fazer. Traducción: Epraim Ferreira Alves. Petrópolis: editora vozes, 1998, pág 129.

No caso da improvisação, a conquista do espaço apresenta-se desde vários modos, que correspondem à particularidade das experiências e dos processos nos que se insere a criação. Contudo, consegui determinar alguns aspectos referentes ao espaço que são relevantes e que correspondem à forma do olhar e o posicionamento de quem improvisa. Estas características afixam os conceitos de lugar e espaço dentro da improvisação, elucidando o lugar como uma disposição desde a qual o improvisador escolhe olhar e agir e o espaço como a construção das relações que determinam sua própria experiência.

Estes apontamentos sobre o espaço e lugar estão correlacionados às intervenções de ruas com o grupo de improvisação em dança *Radar1*, especificamente no trabalho de *espia1* cujo recorte correspondiam a janelas de diferentes bairros em Salvador; com o coletivo *vagabundando*, no que os espaços estavam condicionados ao perambular em diferentes lugares na procura de cenários prontos dentro da cidade de Salvador e com improvisações que remetiam a espaços de lembrança feitos na cidade de Bogotá. Ditas explorações e proposições foram o rastro cênico dos percursos de improvisação realizados por mim, entre setembro de 2011 e agosto de 2012 entre as duas cidades.

Estas explorações de habitante de espaços como lugar e lugar como espaços, ajudaram-me a construir e evidenciar uma ponte com o conceito de “*heterotopias*”, desenvolvido por Michael Foucault em uma conferência radiofônica realizada em 1967. O autor define define-as como:

Espaços reais – espaços que existem e que são formados na própria fundação da sociedade - que são algo como contra-lugares, espécies de utopias realizadas nas quais todos os outros lugares reais dessa dada cultura podem ser encontrados, e nas quais são, simultaneamente, representados, contestados e invertidos. Este tipo de lugares está fora de todos os lugares, apesar de se poder obviamente apontar a sua posição geográfica na realidade. (FOUCAULT, 1967, p.80. tradução nossa)

A nova forma de Foucault de analisar o espaço na descrição de lugares cotidianos que se relacionam com outros, simultaneamente ou em contraposição. Faz com que interesse-me apontar a improvisação como ambiente *heterotópico*, pois ela configura-se como um espaço de criação que inclui outros espaços, destacando a forma das relações e o desafio do convencional.

Os cruzamentos entre improvisação e *heterotopia* em primeira instância refere-se a: como a improvisação na rua instaura e cria lugares dentro da cotidianidade dos espaços da cidade, o que reverte a forma da relação no contexto social, estético e

político ou como diria Bourriaud provoca um “estado de encontro”. Tal fato, ajuda a contextualizar que esses lugares/espacos que cria a improvisação articulam as relações entre os indivíduos e os grupos, entre o artista e o mundo, e em consequência, as relações entre “quem olha” e o mundo (BOURRIAUD, 2006, p. 29 tradução nossa).

Em segunda instancia, há que expor que a *heterotopia* consegue sobrepor, num só espaço real, vários espaços, vários lugares que por si só seriam incompatíveis (FOUCAULT, 1967, p.82 tradução nossa) conseqüentemente a improvisação têm a possibilidade de mostrar simultaneamente lugares reais, imaginados, novos, lembrados. Combina vestígios de memórias para futuras ações como imagens atualizadas, as quais se conformam no momento das escolhas para a composição e criação em tempo real. Este tempo real, sugere uma terceira instância pois tanto algumas *heterotopias* como a improvisação oscilam com um tempo que, as vezes é transitório e irrompe na cronologia como forma de experimentar com o próprio tempo. Ou seja, o que Foucault chamo de *heterocronias* - ruptura do homem com a sua tradição temporal - (FOUCAULT, 1967, p.82 tradução nossa).

Outro aspecto, é que as *heterotopias* pressupõem um sistema de abertura e encerramento que as torna tanto herméticas como penetráveis (FOUCAULT, 1974, p.83 tradução nossa) o que incide na forma como a improvisação se instaura e se configura num espaço, reverberando também no corpo. Ou seja, criam-se lugares que nem sempre estão determinados para ser abertos e participativos, as vezes são convites de interação entre público e improvisador, outros são fechados e levam só à observação, embora existam espaços ilusórios onde se excluem o público ou o mesmo improvisador. Esta quarta instância então corresponde à configuração de um posicionamento ante a improvisação que, novamente recalca sobre o tipo de relações a se estabelecerem com o olhar e o fazer.

Numa última instância Foucault menciona que as *heterotopias* tem a função específica ligada ao espaço que sobra (FOUCAULT, 1967, p.83 tradução nossa) Este resíduo, converte-se em matéria criativa na improvisação, quanto como espaço ilusório que se projeta no real como no real que torna-se invenção. Ao final da sua conferência Foucault fala de “o lugar sem lugar” o que visa pensar como o improvisador persegue esse espaço fugitivo que é a improvisação, a qual não esta feita para ser colonizada porém para conquistá-la pois nunca se sabe para onde ela conduz.

Estes lugares diferentes ou contra-lugares foram experimentados nos múltiplos percursos das improvisações que realizei. Espaços como: janelas, praças, ruas, escadas estacionamentos e parques foram os que permitiram-me compreender

como esse lugar *heterotópico* que está a ser conformado reverberava no corpo. Esses espaços incidiam no corpo na forma como me relacionava com eles, pois criavam múltiplos estados corporais internos que atrelavam-se com o modo que configurava-se o lugar. Assim,

O espaço se move através de nós, mas também em nós, na esteira das "direções" no interior do corpo móvel e imóvel. Para viagens interiores que são, talvez, as nossas experiências mais importantes de fazer espaços. (GODARD em apud LOUPPE, 1997, p.165 tradução nossa)

A relação espaço-corpo traz novas ações com a capacidade de entrar de uma *heterotopia* a outra. As formas que compõem esta relação são topografias, que neste caso, pela natureza do objeto instável configuram-se como superfícies movediças, pois o espaço nunca é dado: nós influímos nele a cada momento, assim como ele nós influencia. (LOUPPE, 1997, p. 166 tradução nossa) uma interação simbiótica entre espaço e corpo.

A topografia está aplicada á improvisação como marcas das relações entre corpo e espaço no presente, a qual estende-se ao termo de auto-topografia, pois essas relações acontecem desde minha experiência. Por isso, elas estão dotadas de lembranças, olhares e criações próprias, as quais estão reflexadas e contaminadas nos espaço e no corpo. É assim como uma auto-topografia refere-se às camadas de movimento, silêncios, espaços, fissuras, que são os trajetos e percursos por onde trântita a improvisação. Foram, as auto-topografias das improvisações realizadas as que ajudaram-me a entender o sem número de relações existentes na hora de improvisar, entre elas as do espaço-corpo e as da improvisação-*heterotopia*.

Os espaços de improvisação configurados a partir do olhar e o posicionamento do improvisador, constituem além de uma proposta cênica a produção de outras realidades, determinantes na emergência de espaços de invenção dentro do espaço cotidiano. O improvisador é um habitante de espaços que, expõem-se, refratam-se e reflexam-se em outros espaços imaginados e o desafio está em fazer com que o corpo tenha a medida desse lugar que ele imagina. O dançarino vive do espaço e do que o espaço constrói nele. (LOUPPE, 1997, p. 164)

Como resultado, a improvisação como *heterotopia*, implica espaços abertos, cambiantes, penetráveis e incompatíveis que projetam-se e contrapunham-se às imposições sociais, políticas e, até mesmo artísticas; espaços para ser vividos de

uma outra maneira, sob uma perspectiva relacional e simultânea que cria uma fresta no espaço real. Esta fresta ou interstício é um espaço para as relações humanas que sugere possibilidades distintas de intercâmbio das vigentes neste sistema. (BOURRIAUD, 2006, p. 29 tradução nossa) De esta forma, a improvisação configura espaços simultâneos como rede de possibilidades estéticas e perceptivas, na procura de espaços de encontros mas espontâneos que arranjam ao ser da imersão cotidiana na concretude do intercâmbio e a presença dos corpos e suas relações.

Referências:

BOURRIAUD Nicolás, *Estética relacional*. Traducción: Cecilia Boceyro y Sergio Delgado. Buenos Aires, Argentina: Editorial Adriana Hidalgo, 2006. Título original: *Esthétique relationnelle*. Dijon: Presses du réel, 1998.

DE CERTEAU, Michel. *A invenção do cotidiano, artes de fazer*. Traducción: Epraim Ferreira Alves. Petrópolis: editora vozes, 1998. Título original: *L'invention du quotidien – 1^a arts de faire*. Paris: Édition Gallimard, 1990.

FAUCOULT, Michel. *El Cuerpo utópico, las heterotopias*. Buenos Aires, Argentina: Editoria nueva visión, 2010.

FAUCOULT, Michel. *De outros espaços*. Traduzido por Pedro Moura. Conferência proferida por Michel Foucault no Cercle d'Études Architecturales, em 14 de Março de 1967. Disponível em: http://www.virose.pt/vector/periferia/foucault_pt.html acesso em: 10 abril de 2012

LAURENCE, Louppe. *Poética de la danza contemporânea*. Traducción Antonio fernández Lera España: Editorial Universidad de Salamanca, 2012. Título original: *Poétique de la danse contemporaine, contredanse*, 1997.

PEREC, Georges. *Espécies de espacios*. Trad. Jesús Camarero. España: Editorial Montesinos Intervención cultural, segunda edición: octubre de 2001. Título original: *Espèces d'espaces*, Paris: éditions Galilée. 1974.

